

V i d á l i a

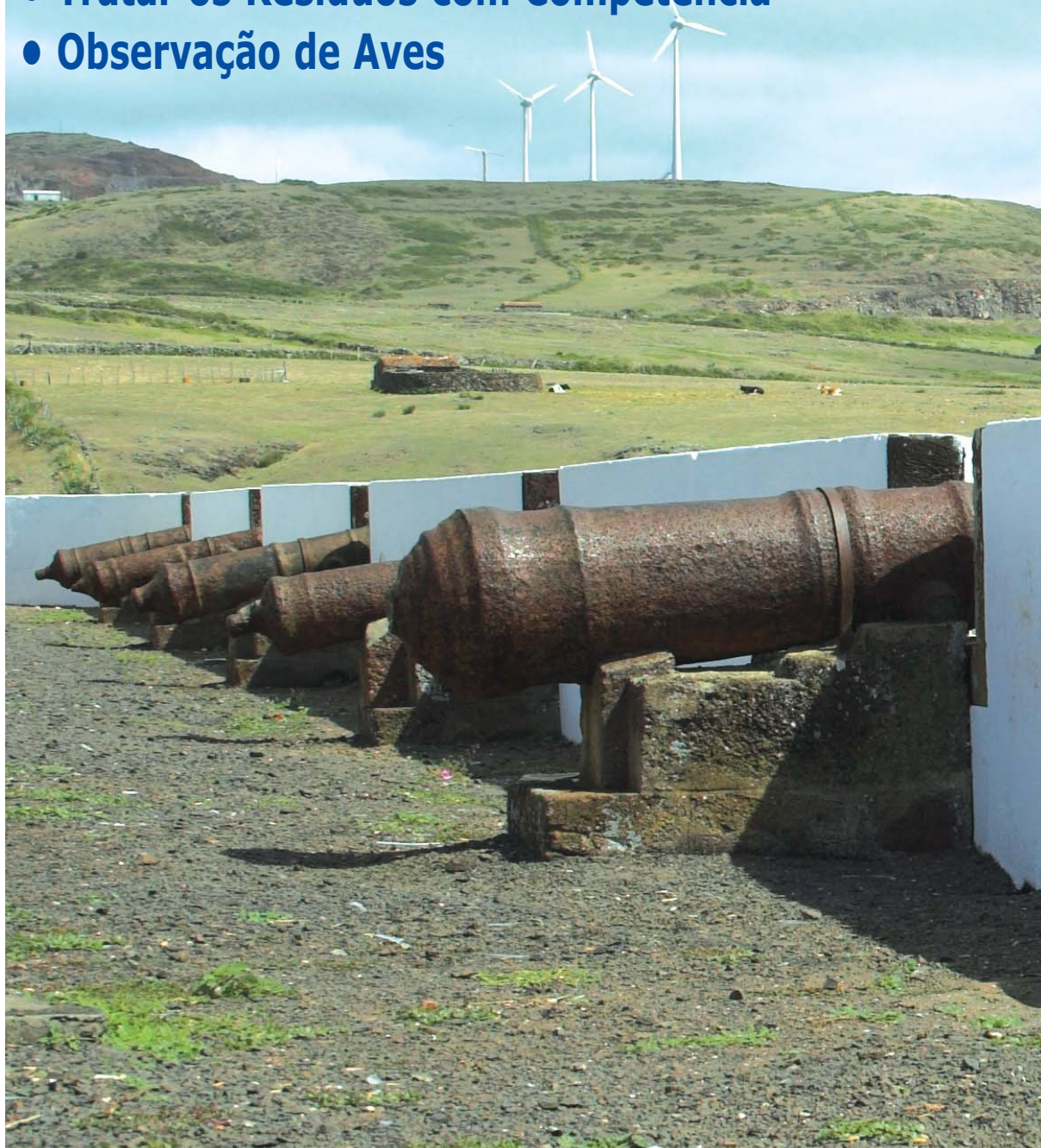
Boletim dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica

nº 26

•

2006

- **Impactos Ambientais Negativos dos Percursos Pedestres**
- **Eficiência Energética**
- **Eólicas, Paisagem e Impacto Ambiental**
- **Tratar os Resíduos com Competência**
- **Observação de Aves**



Sumário

| | |
|----------------------------------------------------------------|----|
| Editorial | 3 |
| Impactos Ambientais Negativos dos Percursos Pedestres | 4 |
| Eficiência Energética | 7 |
| Eólicas, paisagem e impacto ambiental | 9 |
| Denúncia | 13 |
| Tratar os Resíduos com Competência | 14 |
| Observação de Aves | 16 |
| Publicações e Materiais para Venda | 18 |
| Novos Sócios | 19 |
| Boletim de Inscrição | 19 |
| Humor Verde | 20 |

www.amigosdosacores.pt.vu
e-mail:
amigosdosacores@hotmail.com
amigosdosacores@gmail.com

Tel. 296 498 004
Fax 296 498 006

ÓRGÃOS SOCIAIS PARA 2005-2006

DIRECCÃO

Presidente

Teófilo Braga

Secretário

Francisco Botelho

Tesoureiro

Mário Furtado

Vogais

Maria Manuela Livro

Lúcia Ventura

Suplentes

Sérgio Diogo Caetano

Gilda Pontes

CONSELHO FISCAL

Presidente

Paula Santos

Secretário

Eduardo Santos

Vogal

George Hayes

Suplentes

Emanuel Machado

Pedro Teves

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente

João Nunes

Vice-Presidente

Luís Guimarães

Secretário

Eva Almeida Lima

Suplentes

Maria do Carmo Moreira

Cristina Ferreira

Sede Social

Está instalada no edifício da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, Avenida da Paz, 14. Ali se encontram todas as publicações editadas e uma biblioteca especializada na temática ambiental. Os interessados poderão visitá-la todos os dias úteis das 9h às 12h e das 13h às 17h. Aconselha-se a marcação da visita. Contacto: Carla Oliveira,
Tel. 296 498 004

Vidália

Boletim dos Amigos dos Açores
– Associação Ecológica

Distribuição gratuita
entre os sócios

Os artigos são da responsabilidade dos autores e não representam obrigatoriamente a posição oficial da Associação.

É permitida a reprodução e transcrição, desde que citada a fonte e o autor

Apoio

Secretaria Regional do
Ambiente e do Mar

Execução Gráfica e Impressão
ECA
Empresa Gráfica Açoreana, Lda.

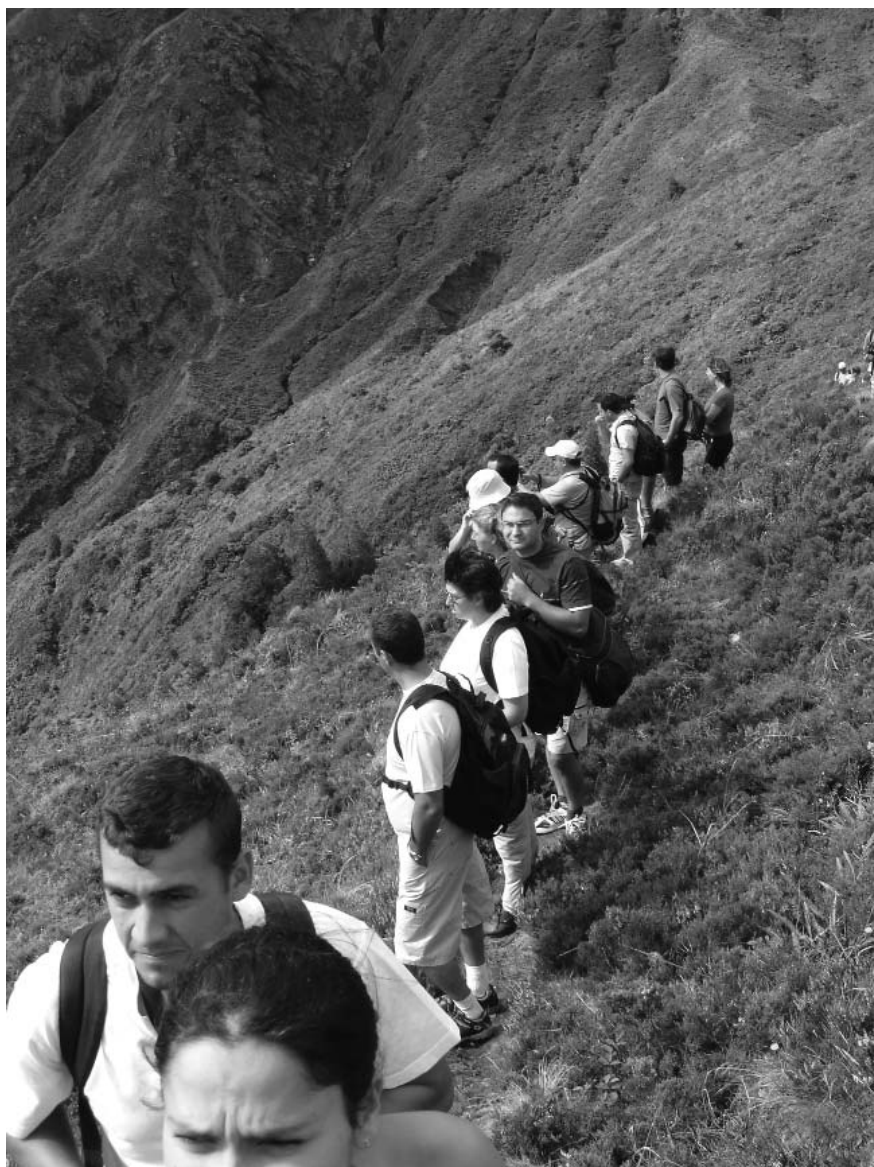
Para o pedestrianista consciente, os passeios são um meio para melhorar o seu conhecimento do ambiente, através da observação da beleza das paisagens, da diversidade da flora e da fauna e das formações geológicas, promovendo o respeito e a sua conservação. Contudo, a utilização dos percursos pedestres poderá afectar o solo, a água, a vegetação, a fauna, as formações geológicas e ser responsável pela deposição de resíduos ou pela ocorrência de fogos florestais, pelo que a actividade deverá ser devidamente enquadrada e as organizações que a promovem deverão ter o máximo cuidado na formação dos

participantes.

A energia é um tema que, regra geral, é esquecido por todos aqueles que, profissionalmente ou em regime de voluntariado, promovem actividades de educação ambiental. Como é sabido a energia é um recurso essencial à vida, mas é, simultaneamente, um forte factor de pressão sobre o ambiente. Nos Açores, para além da aposta no aproveitamento das fontes renováveis, importa reforçar a aposta na eficiência energética, combatendo a irracionalidade e o desperdício.

Pelos Açores passam anualmente milhares de aves, algumas delas para nidificarem, como é o caso do cagarro e dos garajaus. Pela sua situação geográfica, as ilhas dos Açores são um lugar privilegiado para a sua observação, sendo cada vez maior o número de pessoas que, nos seus tempos livre, se dedica a esta prática.

Neste segundo número do boletim Vidália de 2006, para além de darmos destaque a um artigo do presidente dos Amigos dos Açores sobre os impactos ambientais negativos do pedestrianismo, apresentamos um texto intitulado “Eólicas, Paisagem e Impacto Ambiental”, da autoria do nosso associado, e co-ordenador da revista “Ar Livre”, José Carlos Costa Marques, bem como um outro sobre locais dos Açores importantes para a observação de aves, da autoria da nossa colaboradora Rita Melo.



IMPACTOS AMBIENTAIS NEGATIVOS DECORRENTES DA IMPLANTAÇÃO E USO DE PERCURSOS PEDESTRES.

Teófilo Braga

Os percursos pedestres se, por um lado, são responsáveis por impactos ambientais negativos no meio onde estão implantados, por outro são um meio de confinar estes impactos a uma área restrita (Andrade, 2006). De acordo com Schelhas, citado por Andrade (2006), um percurso pedestre é responsável, principalmente, por impactos na sua superfície, sendo afectada a área compreendida a partir de um metro para cada lado do mesmo.

A utilização dos percursos pedestres poderá afectar o solo, a água, a vegetação, a fauna e ser responsável pela deposição de resíduos ou por fogos florestais. Para além destes problemas, relacionados e agravados com o uso excessivo dos trilhos, Magro (1999) menciona o “efeito psicológico depreciativo nos visitantes ao frequentar as áreas silvestres como parte de uma multidão”.

1. Solo

A passagem de pedestrianistas pelos

percursos provoca, por um lado, compactação e, por outro lado, é responsável pela erosão do solo.

O pisoteamento do solo faz diminuir os seus poros. A compactação provoca uma diminuição da sua capacidade de retenção do ar e de absorção de água, modificando a sua “capacidade de sustentar a vida vegetal e animal (micro-fauna do solo) associada” (Andrade, 2006). Magro (1999) corrobora com este ponto de vista e afirma que “o pisoteio e a consequente compactação diminui a quantidade de poros entre as partículas, com efeitos diretos no sucesso de germinação e vigor das plantas”.

De acordo com Andrade (2006), os percursos alteram, ainda, o padrão de circulação da água. Com efeito, ao deixar de absorver uma quantidade significativa da água, esta passa a circular ao longo da superfície do percurso, provocando o arrastamento de



partículas. A erosão depende da inclinação do terreno, do tipo de solo e do padrão de drenagem da região.

2. Vegetação

Andrade (2006) refere que as plantas podem ser destruídas, quer directamente pelo pisoteamento, quer devido à compactação do solo, e que a erosão “expõe as raízes das plantas dificultando sua sustentação e facilitando a contaminação das raízes por pragas, o que compromete toda a planta”.

Além do referido, a abertura de um trilho provoca algumas mudanças na composição da vegetação ao longo deste. Com efeito, as alterações ambientais fazem com que espécies vegetais mais resistentes tenham mais hipóteses de sobreviver do que outras mais sensíveis. Por exemplo, quando um trilho é aberto, há alteração da luminosidade, o que favorece o crescimento de plantas tolerantes à luz (Andrade, 2006).

Por seu lado Magro (1999), num estudo efectuado, notou o desaparecimento de algumas plantas e a invasão de algumas espécies.

3. Fauna

Andrade (2006), depois de considerar

que não se encontra bem estudado o impacto dos trilhos sobre a fauna, escreve que é provável que haja um aumento do número de indivíduos no caso de espécies tolerantes à presença humana e uma diminuição no caso das mais sensíveis. Por seu turno, Magro (1999) considera que o pisoteio provoca uma redução da biomassa da fauna do solo.

4. Problemas antrópicos

No caso dos trilhos serem percorridos por pessoas com uma fraca “consciência ecológica”, irá haver ao longo dos mesmos deposição de resíduos.

A presença humana nos trilhos poderá, também, em algumas circunstâncias, potenciar o aparecimento de fogos florestais, felizmente pouco prováveis numa região com as características climáticas dos Açores.

5. Medidas de Minimização de Impactos

Para além de todas as medidas que deverão ser tomadas aquando dos trabalhos de planeamento e implantação dos trilhos, um princípio deverá ser tido em consideração: “os sítios de visitação não devem ser adaptados aos visitantes, estes é que deverão ser preparados para a visitação”(Salvati, 2006). Ainda de acordo com Salvati (2006), à educação

ambiental cabe um papel de grande importância para minimizar os impactos causados pelo uso dos trilhos.

Nas áreas protegidas, em geral, e no caso específico dos trilhos, o objectivo é “o estabelecimento de um índice ideal de uso, para que as mudanças no am-



Continua

biente não atinjam um nível indesejado sob o ponto de vista da conservação dos recursos” (Magro, 1999).

Surge aqui o conceito de capacidade de carga, uma das ferramentas usada para minimizar os impactos do uso público dos recursos naturais, que foi definido por Wagar como sendo “o nível de uso que uma área pode suportar sem afectar a sua qualidade” (citado por Magro, 1999).

Durante muito tempo considerou-se que bastaria limitar o número de pessoas para resolver os problemas, contudo, para além de ser uma medida impopular, outros factores poderão causar impactos negativos (Magro, 1999), como, por exemplo, uma má gestão dos espaços ou a falta de pessoal.

Par quem desejar aprofundar este assunto, nomeadamente no que diz respeito a pequenas obras que deverão ser efectuadas para minimizar os impactos negativos, recomendamos a leitura dos seguintes textos publicados por Parcs Canada: “Manuel des Sentiers” e “Meilleures pratiques pour les

sentiers de Parcs Canada- Un éventail d’activités, d’installations et de services appropriés aux sentiers”.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, W., (2006), Manejo de trilhas, www.femesp.org.
- BUREAU DU CONSEILLER SPÉCIAL, SERVICES DE L’IMMOBILIER, (PATRIMOINE CANADIEN - ENVIRONNEMENT CANADA), (1996), Meilleures pratiques pour les sentiers de Parcs Canada - Un éventail d’activités, d’installations et de services appropriés aux sentiers, Parcs Canada.
- DIRECTION DU GÉNIE ET DE L’ARCHITECTURE, (1985), Manuel des Sentiers, Ottawa, Parcs Canada.
- MAGRO, T., (1999), Impactos do uso Público em Uma Trilha no Planalto do Parque Nacional do Itatiaia, São Carlos (Tese de Doutorado).
- SALVATI, S., (2006), Trilhas - Conceitos, Técnicas de Implantação e Impactos, <http://ecosfera.sites.uol.com.br/trilhas.htm>.



EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

Criada este ano, a Plataforma Não ao Nuclear é um movimento que pretende congrega todos aqueles (organizações não governamentais, outras organizações e entidades, cidadãos) que pretendam:

- Demonstrar que a energia nuclear não é uma opção para Portugal, nem para o mundo;
- Promover as soluções que contribuem para o desenvolvimento de um modelo energético sustentável para Portugal, onde a eficiência energética e o aproveitamento das energias renováveis são os pontos centrais.

Da Plataforma Não ao Nuclear fazem parte as maiores Organizações Não Governamentais de Ambiente do país, sendo,

neste momento, os Amigos dos Açores, a única associação dos Açores membro da Plataforma.

Abaixo, transcrevem-se oito razões que a Plataforma Não ao Nuclear apresenta para optar pela eficiência energética.

Razões para optar pela eficiência energética

A evolução na área da energia demonstra claramente que não será possível, para já e mesmo num futuro próximo, encontrar uma fonte energética que possa responder à intensidade e exigência energética da totalidade dos processos e actividades que actualmente dependem dos combustíveis fósseis. Contudo, antes de pensarmos sobre a diversidade de fontes energéticas que teremos que considerar para assegurar o nosso consumo de energia, é fundamental reflectir sobre a efectiva necessidade de consumirmos tanta energia.

Portugal é um país com um clima temperado, que numa larga faixa do seu território desfruta dos efeitos do mar que resultam numa menor amplitude térmica e, logo, numa menor necessidade de aquecimento e arrefecimento. Este contexto permite que Portugal possa ter uma muito boa eficiência no uso que faz da energia, desde que sejam integrados alguns cuidados e implementadas medidas e acções que promovam uma maior eficiência energética.

A promoção da eficiência energética pode ser atingida através da implementação de acções, planos ou medidas que permitam evitar o consumo energético.

Continua



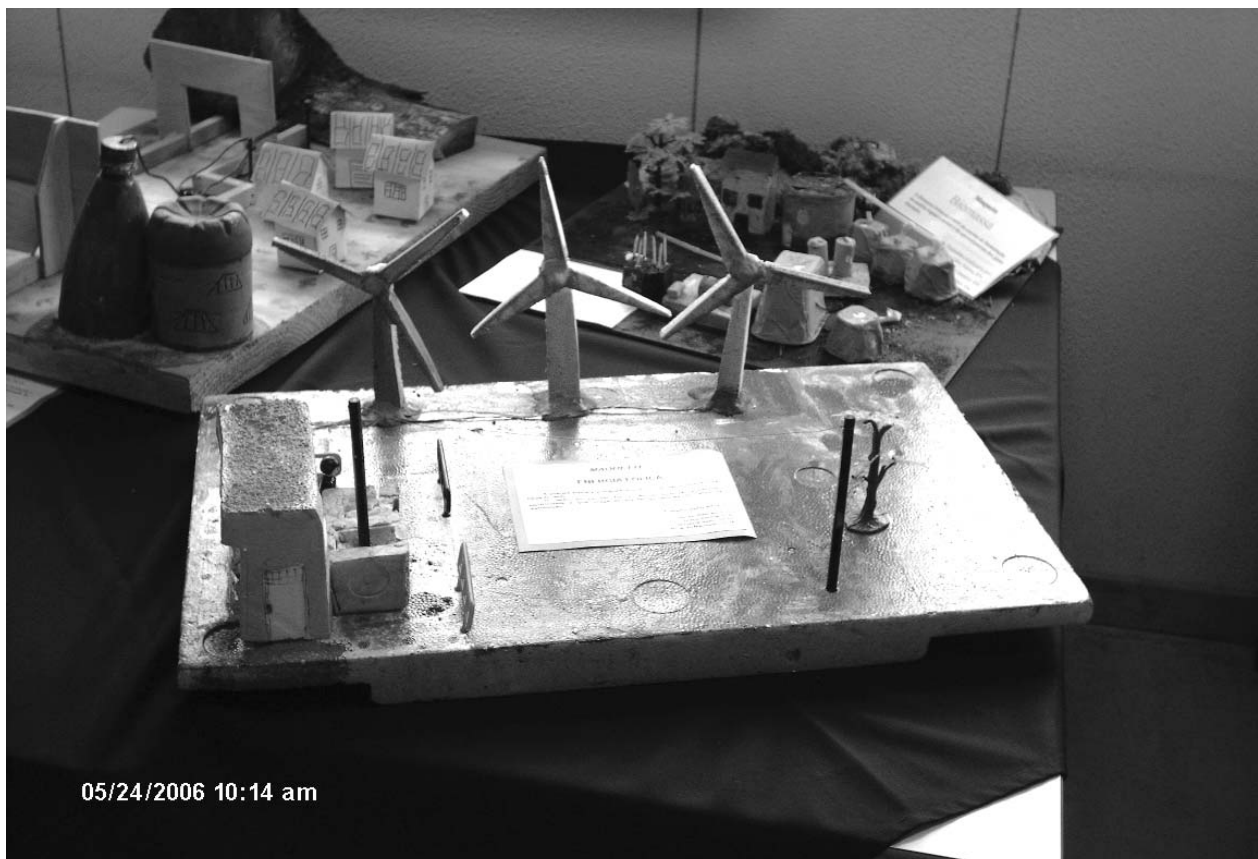
Portugal é um dos países europeus (se considerarmos os primeiros 15 países da União Europeia) com uma menor eficiência energética, ou seja, é um dos que gasta mais energia por cada unidade de riqueza produzida. Tratando-se de um país ainda com uma elevada dependência energética do exterior, a eficiência energética é a opção estratégica para um futuro sustentável para Portugal. Entre as várias razões para optar pela eficiência energética sublinhamos as seguintes:

1. A eficiência energética é o caminho mais económico para Portugal. Cada kWh poupado, de acordo com a Entidade Reguladora do Sector Energético, é dez vezes mais barato do que um kWh a ser produzido, inclusive por energias renováveis.
2. Como está intimamente ligada às nossas opções e acções quotidianas, a eficiência energética promove a consciencialização para a necessidade de sermos todos parte da solução, uma vez que somos todos parte do problema.
3. Portugal tem um potencial de eficiência

energética enorme nos vários sectores

4. É a única solução isenta de emissões de gases com efeito de estufa.
5. Contribui para a independência energética de Portugal.
6. É a opção menos poluente em termos de emissões para ao ar, água e solo, pois evita a exploração e transformação de recursos não renováveis – como o petróleo, carvão, gás natural e urânio – ao mesmo tempo que evita a construção de infra-estruturas de produção de energia, mesmo que seja de fontes renováveis.
7. Não produz resíduos.
8. Permite reduzir os gastos de qualquer cidadão, agregado familiar, entidade ou empresa com a energia, atingindo as mesmas finalidades com um menor custo.

Para saber mais sobre a Plataforma Não ao Nuclear, consulte **www.naoaonuclear.org**



EÓLICAS, PAISAGEM E IMPACTO AMBIENTAL

José Carlos Marques*

Que a energia eólica é uma das melhores alternativas parciais a outras energias de impacto ambiental mais pesado, parece ser relativamente consensual entre organizações de ambiente e até noutros sectores. Entre os mais ardorosos defensores das eólicas contam-se duas das mais respeitadas e intervenientes organizações ambientais mundiais, a Greenpeace e os Friends of the Earth (Amigos da Terra).

No entanto, como qualquer outro empreendimento, as eólicas, sobretudo quando concentradas em grandes parques, têm impactos ambientais que devem ser estudados. Se forem elevados num determinado caso concreto, esse parque concreto não deve ser construído, por razões idênticas às de outros empreendimentos de outro tipo, energéticos ou não, sujeitos a estudo de impacto ambiental. Se os impactos forem moderados ou diminutos, devem ser feitas diligências para os mitigar mais ainda.

Na Galiza, por exemplo, em determinados casos concretos de parques implantados em paisagens ou ecossistemas de especial interesse, as organizações ecologistas galegas (sobretudo a ADEGA, a mais activa delas, e também a Federação Ecologista Galega, que agrupa as principais associações ecologistas galegas) têm-se pronunciado criticamente e até oposto, nalguns casos com empenho, a determinados empreendimentos eólicos. De forma mais esporádica, o mesmo tem feito entre nós o FAPAS.

Há para isso razões relacionadas com a preservação de ecossistemas valiosos, de espécies vegetais e mesmo animais, sobretudo aves. A construção de acessos em zonas antes remotas, o que permitia mantê-las mais ao abrigo da devastação, acessos exigidos pelos parques eólicos, é um dos mais graves problemas que

podem ser levantados pela implantação destas estruturas. Claro que o impacto de uma grande barragem é normalmente superior. Mas esse critério não deveria ser suficiente para passar um cheque em branco definitivo aos parques eólicos independentemente do seu impacto ambiental concreto.

Vejamos agora o aspecto estético, muito discutido também. Estou convencido de que o aspecto estético é um indicador seguro de valores que ultrapassam em muito a simples estética. É por isso que sinto (tendo conhecido o mundo nos anos 1950) que a nossa actual civilização, cada vez mais feia nas suas manifestações externas, tem também necessariamente algo de profundamente errado no seu mais íntimo



impulso. Isto apesar de progressos inegáveis, alguns dos quais no entanto pouco menos que ilusórios ou conseguidos a um preço desproporcionado. Mas essa é uma outra questão.

Ora, de uma forma geral, as eólicas, e embora isso seja algo dotado de uma vertente inevitavelmente subjectiva, parecem-me esteticamente interessantes e às vezes até belas, quer isoladamente, quer em agrupamentos, neste último caso porém dependendo

Continua ➔

fortemente (como é regra em construções agrupadas) do enquadramento no meio construído e no meio natural.

É por isso inevitável considerar o elemento «paisagem». A beleza de uma paisagem é muito menos subjectiva do que possa parecer. Sobre a questão existem estudos aturados (há mesmo uma sociedade de estudo da paisagem em Portugal). A objectividade dos valores estéticos paisagísticos pode também apoiar-se na tradição literária e pictórica que nos permite ir além do simples subjectivismo em matéria de estética da paisagem, pois a literatura e a arte são formas de conhecimento e fixação de valores estéticos tendencialmente universais, para além das contradições que inevitavelmente contêm.

Ora, nesse domínio, se há paisagens que não perdem, e até podem ganhar, com a implantação de agrupamentos de eólicas (obviamente dependendo da qualidade estética do desenho em causa), o mesmo já se não pode dizer de outras.



Uma paisagem que se caracterize pelo seu isolamento e carácter bravio ou quase incólume, que tenha um valor especial e como tal reconhecido (como o são as áreas de paisagem protegida e os parques naturais e nacionais que, eles também, encerram paisagens especialmente valiosas, um dos motivos, por vezes o principal, do seu estatuto de protecção) não deveria ser perturbada pela construção de eólicas, ainda que, abstractamente, o aspecto estético não fosse

prejudicado. É que a paisagem resultante seria já outra, não aquela que foi valorizada a ponto de lhe ser dado estatuto de protecção, ou, se o não tem ainda, de o merecer. Por essa razão, penso que foi um recuo importante terem-se aberto as portas (com a oposição de alguns directores de parques, obviamente depressa apelidados por alguns de «fundamentalistas») à construção de parques eólicos em áreas protegidas.

O mais doloroso desse processo é que ele é feito em nome da ecologia e do ambiente. Assim, em casos extremos, a ecologia e o ambiente tornam-se a justificação para uma ocupação implacável de todos os espaços ainda relativamente não sobrecarregados de construções humanas e da sua sujeição à lógica industrial, económica e mercantil, que são as expressões actuais da penetração humana no âmago de territórios que ainda possuíam algum carácter de espontaneidade e não utilitário. Ora, é indispensável, para a própria sanidade mental e

sobrevivência física da humanidade, que sobre vastas áreas, ainda que minoritárias, que escapem à lógica simplesmente utilitária e produtivista (mesmo que visem combater o efeito de estufa...).

Voltando ao aspecto estético e à paisagem, inventei um teste para propor àqueles que insistem em negar qualquer prejuízo estético provocado pelas eólicas agrupadas: alguém imagina a Serra da

Arrábida repleta de eólicas nas suas cumeadas? Imaginar nem é difícil, mas confesso que, a quem possa conceber o resultado como tolerável, eu diria não pertencermos à mesma espécie de *homo sensibilis*... É claro que a cimenteira que lá está é má, muito má, e não só esteticamente, mas é cá em baixo, numa área limitada e há-de um dia dali sair... Aliás, alguns defensores das eólicas não deixam de insistir, perante algumas das críticas que a estas são feitas,

Continua



em que, dentro de vinte anos, feita por hipótese com êxito a transição energética, as eólicas podem ser desmanteladas sem terem deixado atrás de si danos equiparáveis aos do nuclear, dos fósseis ou da maioria das hídricas.

As eólicas foram investidas de grandes esperanças no que se refere à referida transição de um sistema baseado nos combustíveis fósseis para um sistema descentralizado e de mais baixo impacto ambiental. Nos anos 1960-70, os primeiros movimentos ecológicos modernos eram entusiastas das eólicas mas sobretudo como solução associada a uma revalorização da civilização rural e local, pois permitiam fornecer energia a quintas isoladas, aldeias, lugares remotos, sem os inconvenientes e até os custos de outras soluções. As eólicas concebidas como estruturas de grande dimensão e ocupação concentrada do espaço para fornecer energia a um sistema global caracterizado por uma concentração patológica e por disfuncionamentos graves tornam-se muito menos interessantes.

Creio que não há solução ao problema energético/ambiental (os dois juntos) se nos

limitarmos a aplicar às energias alternativas os mesmos modelos de concentração e gigantismo que até hoje se aplicaram a outras formas de energia, em associação com uma concentração urbana excessiva, que as apela e por sua vez só elas permitem. Se pretendemos um outro tipo de ordenamento territorial, teremos que conceber a produção de energia de uma outra forma que não a concentração sistemática. Concentração que já levou mesmo a que o projecto de energia solar de Moura fosse concebido como «o maior do mundo», quando do que precisávamos era de numerosos pequenos e médios projectos solares, sobretudo nos próprios edifícios das cidades e no povoamento remoto e disperso. Não chega verdadeiramente a surpreender que o grande projecto solar nacional, o maior do mundo, esteja já a ser comprado por empresas espanholas. Talvez que o «grandioso» não seja a dimensão adequada a Portugal...

Diz-se que as alternativas energéticas têm que avançar para substituir as formas fósseis e concentradas. Mas o que verificamos é que, pelo menos nalguns países, todas



aumentam: a eólica e a solar não substituem o petróleo e o nuclear (nem sequer tendencialmente) mas adicionam-se a eles. Embora esse não seja o caso nos países que têm (até agora) uma decisão de abandono do nuclear, como a Alemanha, é o que se passa efectivamente noutros.

Com a recente investida em Portugal de um lóbi pró-nuclear que se conseguiu implantar em certa imprensa e até em sectores do governo, começam a ouvir-se vozes que atacam violentamente as eólicas, não na perspectiva crítica equilibrada atrás referida, mas como um pretexto para fazer vingar em contraste o nuclear, numa tentativa de o prestigiar já que os seus promotores sabem bem que ele suscita a desconfiança do cidadão comum. Menoriza-se para isso de forma extrema o contributo que pode ser dado pelas eólicas para em contraste valorizar a parte que pretendem atribuir ao nuclear, tendo como pano de fundo as alterações climáticas. Mas a escolha que pretendem impor-nos é como quererem obrigar-nos a escolher entre naufragar devorados por Cila ou por Caríades. Como diz o povo, «venha o diabo e escolha».

As formas de economia de energia e de produção combinada são tão ou mais importantes que as simples alternativas energéticas. E provavelmente mais importante do que tudo isso seria o abandono da obsessão pelo crescimento energético constante (que é uma consequência da obsessão pelo crescimento económico ilimitado). Mas, mais uma vez, isso leva-nos a uma outra questão, que é a de uma civilização e de uma economia que se regeriam por critérios de estabilidade («steady state»; existe uma ampla literatura sobre este assunto, produzida por economistas ecologistas) e já não por critérios de crescimento constante (que os economistas convencionais tomam como um dogma, e que nós poderíamos antes considerar como uma eterna «fuga para a frente»).

Também se pode chamar a essa perspectiva, na terminologia francesa, «décroissance». No fundo é a problemática do famoso relatório do Clube de Roma, hoje semi-esquecido e entretanto muito atacado, mas que, em última análise, mais século menos século, é inapelável.

* coordenador da revista Ar Livre
jcdcm@sapo.pt



A POSIÇÃO DOS AMIGOS DOS AÇORES SOBRE O CASO DA CAÇA AOS MILHAFRES PELA ANA

A Associação Ecológica AMIGOS DOS AÇORES tomou conhecimento, com muita preocupação, da notícia de que a empresa ANA promoveu, no passado dia 11 de Julho, uma sessão de tiro ao Milhafre na área do Aeroporto João Paulo II, ave protegida e símbolo dos Açores.

Reconhecendo-se o facto da colisão de aviões com aves poder resultar em acidentes de muita gravidade, os AMIGOS DOS AÇORES não podem deixar de repudiar veementemente a solução primitiva encontrada por uma empresa com o estatuto da ANA para resolver o problema da presença de Milhafres junto do aeroporto de Ponta Delgada.



Existem, hoje, outras soluções para garantir o afastamento das aves nos momentos das aterragens e descolagens de aeronaves, citando-se, a título de exemplo, o que se passa no aeroporto de La Plama, onde a situação é ultrapassada através de sistema de emissões sonoras, com reconhecido sucesso.

Os AMIGOS DOS AÇORES apelam assim ao bom senso dos responsáveis da ANA, no sentido de recorrerem a soluções técnicas que igualmente garantem a segurança das operações nos aeroportos, evitando dar tão mau e condenável exemplo de incumprimento da legislação em vigor. Os Milhafres (os Açores) agradecem.

17 de Julho de 2006

A Direcção dos Amigos dos Açores

NOTA- Depois do abate de milhafres por parte da Ana, no Aeroporto de Ponta Delgada, e das promessas de zelar pela segurança das aeronaves, o que se poderá verificar é o mais profundo des-leixo.

Com efeito, a 28 de Agosto, aquando de uma viagem a Lisboa, pudemos observar, enquanto nos dirigíamos para o avião a presença de cerca de uma dezena de aves (entre elas um ou dois milhafres) nas proximidades da pista.

No dia 23 de Setembro, aquando do regresso de uma viagem à Madeira, observamos nos terrenos que marginam a pista,

mais de uma centena de gaivotas e várias dezenas de outras aves de pequeno porte.

5 de Outubro de 2006

Teófilo Braga

VAMOS TRATAR OS RESÍDUOS COM COMPETÊNCIA

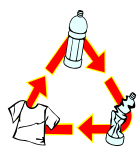


Recolha selectiva: cada coisa no seu lugar

Reciclar é uma forma de **valorizar** um material que já foi utilizado, transformando-o em **material útil**!

A **reciclagem** permite:

- reduzir o consumo de energia;
- reduzir a quantidade de resíduos sólidos que irão para o aterro sanitário;
- diminuir a exploração de recursos naturais.



Por exemplo:

- uma tonelada de papel reciclado evita o corte de 15 a 20 árvores;
- uma tonelada de vidro reciclado evita a extração de cerca de 1300 Kg de areia;
- 100 toneladas de plástico reciclado evitam a extração de 1 tonelada de petróleo.



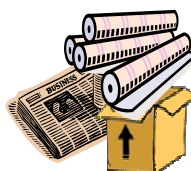
Para além de contribuir para a reciclagem, através da separação de resíduos,

REDUZA a quantidade de lixo que produz no dia a dia.

REUTILIZE dando novo uso a materiais já utilizados

Contentor Azul
Papelão

**PAPEL USADO PODE SER
RENOVADO**



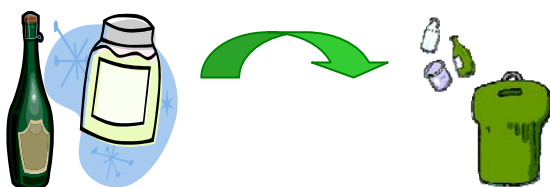
DEVE COLOCAR:

- caixas de cartão liso e canelado limpas;
- embalagens de cartão limpas;
- sacos de papel limpos;
- revistas;
- jornais;
- papel de escrita e impressão.

NÃO DEVE COLOCAR:

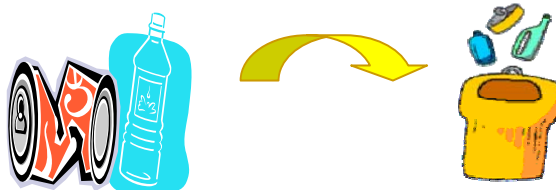
- embalagens e papeis de produtos orgânicos ou gorduras;
- embalagens de produtos tóxicos e perigosos;
- fraldas descartáveis limpas ou usadas;
- guardanapos e lenços de papel;
- papel vegetal e de alumínio;
- envelopes de janela de plástico.

Contentor Verde
Vidrão



VIDRO VELHO FAZ VIDRO NOVO

Contentor Amarelo
Embalão



PLÁSTICO E METAL VELHO PRODUZ PLÁSTICO E METAL NOVO

DEVE COLOCAR:

- garrafas e garrafões de vidro bem lavados;
- frascos e boiões de vidro limpos (sem tampas e anilhas de plástico ou de metal).



DEVE COLOCAR:

- embalagens de plástico (garrafas e frascos lavados, caixas e sacos de plásticos limpos e esferovite);
- embalagens de metal (latas de bebida e de conserva).

NÃO DEVE COLOCAR:

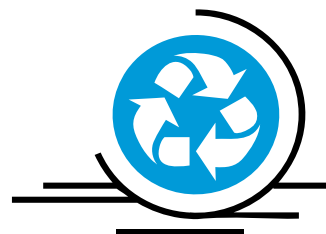
- loiças e cerâmicas (pratos, chávenas e jarras);
- vidros especiais (cristal, pirex, espelhos, lâmpadas, embalagens de cosméticos e perfumes);
- vidros farmacêuticos e de hospital;
- tampas e rolhas.



NÃO DEVE COLOCAR:

- tampas e rolhas;
- embalagens com gordura;
- embalagens de produtos tóxicos e perigosos (por ex. tintas);
- electrodomésticos;
- tachos e talheres

Contentor Vermelho
Pilhão



DEVE COLOCAR:

- pilhas usadas;
- baterias pequenas (relógios e calculadoras);
- baterias de telemóveis.

NÃO DEVE COLOCAR:

- baterias de carros;
- baterias de motos;
- outras baterias.

PILHAS VELHAS PERIGO À SOLTA!

LOCAIS DOS AÇORES MAIS PROPÍCIOS À OBSERVAÇÃO DE AVES MIGRATÓRIAS

Rita Melo

O Arquipélago dos Açores é constituído por nove ilhas e vários ilhéus e situa-se em pleno Oceano Atlântico Norte, entre as coordenadas 36° 55' e 39° 45' de latitude Norte e entre 25° e 31° 15' de longitude Oeste. Devido à sua localização geográfica, entre o continente Europeu e o continente Americano, é um importante local de paragem quase obrigatória para muitas das espécies de aves migratórias, que, nas suas longas travessias transatlânticas, aproveitam a orla costeira deste arquipélago para nidificação, descanso, refúgio ou alimentação. Embora o Arquipélago não se encontre incluído nas grandes rotas migratórias, oferece vários locais importantes, tais como zonas costeiras, lagoas no interior e ilhéus ao longo da costa, os quais assumem, assim, um papel importante no ciclo de vida destas espécies bem como na conservação e salvaguarda da sobrevivência das mesmas.

No hemisfério Norte, as aves dirigem-se, no Inverno, para locais mais quentes (para Sul),

onde encontrarão mais alimentos e aí passam a época de Invernada. Na Primavera, voltam ao ponto de partida, para fazerem o ninho e se reproduzirem, local mais quente nesta época do ano chamada época de nidificação. Assim sendo, a melhor altura de observação é, sem dúvida, nos meses de migração, nos meses da Primavera e meses do Outono, sendo de salientar que a migração não é um fenómeno estático pelo que não se cinge apenas a um mês, variando, também, conforme a espécie migratória.

Por razões diversas, muito provavelmente devido a ventos fortes ou condições climáticas adversas, algumas aves são desviadas das suas rotas migratórias tornando-se visitantes ocasionais dos Açores. Um número significativo de espécies migratórias que por cá passam pertence à Ordem Charadriiformes, de origem nas regiões Neártica e Paleártica. Esta ordem caracteriza-se pelo facto dos seus membros

viverem nas zonas costeiras e se alimentarem de invertebrados ou de outros animais menores. Algumas são encontradas em alto mar, outras em desertos, e outras, mais raras, em florestas. Possuem pernas compridas e bico com estrutura adaptada a diferentes técnicas de alimentação. Pertencem a esta ordem as

Continua



espécies de Garajaus, o Garajau comum – *Sterna hirundo* e o Garajau rosado – *Sterna dougallii* que nidificam na costa de todas as ilhas Açorianas.

Os locais com importância ornitológica nos Açores estão dispersos um pouco por todas as ilhas. As áreas costeiras, os matos macaronésicos, as áreas rochosas, nomeadamente as falésias e os ilhéus, as áreas de cascalho, as grutas, as lagoas e os portos de pesca são zonas mais propícias para a observação de espécies desta ordem.

Assim sendo, na Ilha de Santa Maria, o local mais importante para a observação de

como o seu porto de pesca, e na freguesia das Sete Cidades, a Lagoa das Sete Cidades e arredores.

Na ilha Terceira, os locais mais importantes são na freguesia do Cabo da Praia, a zona da pedreira junto à costa e na Freguesia de Santa Cruz, o interior, na zona do Paul.

Na ilha Graciosa, o local mais relevante para a observação de aves é na freguesia de São Mateus, mais precisamente o ilhéu da Praia e junto à costa.

Na ilha de São Jorge, o local mais relevante para a observação de aves é na freguesia da Ribeira Seca, na base da alta

falésia onde se localizam as Fajãs dos Cubres e do Santo Cristo.

Na ilha do Pico, a zona costeira das freguesias da Madalena e das Lajes são, sem dúvida, bons locais para a observação de espécies desta ordem.

Na ilha do Faial, a freguesia das Angústias constitui um local importante para a observação de aves migratórias,

mais especificamente em redor do Monte da Guia, na praia do Porto Pim e no porto.

Na ilha das Flores, o melhor local para a observação de aves é, sem dúvida, a zona costeira da freguesia de Santa Cruz.

Na ilha do Corvo, em toda a zona costeira da ilha bem como no Caldeirão, há grandes probabilidades de observação de espécies desta ordem. É relevante mencionar que na ilha das Flores, bem como na ilha do Corvo, a probabilidade de observar aves de origem Neártica é maior do que nas outras ilhas do Arquipélago.



aves migratórias é na freguesia de Vila do Porto, mais propriamente no ilhéu da Vila, mas também na costa desta freguesia. Estes locais, onde nidificam espécies desta ordem, constituem, ainda, uma zona de ocorrência regular para outras aves migratórias visitantes.

Na ilha de São Miguel, os locais mais importantes para a observação de aves migratórias são: na cidade da Ribeira Grande, a Praia do Monte Verde; na freguesia das Furnas, a Lagoa das Furnas; na freguesia dos Mosteiros, a zona costeira; na cidade de Ponta Delgada, a costa da avenida marginal, bem

Publicações e Materiais para Venda

| LIVROS | Associados | Não Assoc. | Nº | Valor |
|-----------------------------------------------------------|------------|------------|----|-------|
| Grutas, Algaes e Vulcões | 5,00 € | 7,50 € | | |
| Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel | 7,50 € | 12,50 € | | |
| Paisagens Vulcânicas dos Açores | 5,00 € | 8,00 € | | |
| Borboletas Nocturnas dos Açores | Grátis | 2,50 € | | |
| Moinhos da Ribeira Grande | Grátis | 2,50 € | | |
| Parque Natural Reg. Plataforma Costeira das Lajes do Pico | Grátis | 2,50 € | | |
| Cavidades Vulcânicas dos Açores | Grátis | 2,50 € | | |
| Orientação | Grátis | 1,00 € | | |
| Percursos Pedestres em São Miguel | Grátis | 5,00 € | | |
| Plantas dos Açores | Grátis | 5,00 € | | |
| Plantas Usadas na Medicina Popular | Grátis | 5,00 € | | |
| BROCHURAS | | | | |
| Percorso Pedestre da Ribeirinha | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre do Salto do Cabrito | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre da Serra Devassa | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre do Pico da Vela | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre das Três Lagoas | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre Praia – Lagoa do Fogo | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre Pinhal da Paz | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre do Sanguinho | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre das Sete Cidades | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre das Quatro Fábricas da Luz | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre da Ponta da Madrugada | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre da Fajã do Calhau | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre das Furnas | Grátis | 1,50 € | | |
| Percorso Pedestre de Santa Bárbara | Grátis | 1,50 € | | |
| OUTROS MATERIAIS | | | | |
| Bonés "Amigos dos Açores" | 2,00 € | 3,00 € | | |
| T-Shirt "Salvemos o Pombo Torcaz" | 3,00 € | 4,00 € | | |
| T-Shirt "Golfinhos" | 4,00 € | 5,00 € | | |
| T-Shirt "Amigos dos Açores" | 5,00 € | 6,00 € | | |
| Casacos para Protecção da Chuva | 10,00 € | 11,00 € | | |
| Sweat-Shirt "Amigos dos Açores" | 12,50 € | 13,00 € | | |

Formulário de Encomenda

Por favor envie as quantidades acima assinaladas para o endereço:

Nome

Rua e nº

Código Postal

Nota: todos os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo pagamento em cheque ou vale postal. Para o estrangeiro ao valor total deverá acrescentado 2 €

AMIGOS DOS AÇORES- Avenida da Paz,14 9600-053 PICO DA PEDRA

Telefones - 296 498 004 Fax - 296 498 006 E-mail - amigosdosacores@gmail.com

Novos Sócios

Os **AMIGOS DOS AÇORES** são uma associação regional de defesa do ambiente, independente do poder político-económico e apartidária, que vem, desde 1984, trabalhando ininterruptamente a favor da conservação da maior riqueza dos Açores: o seu património natural.

No entanto, uma associação como esta, para desempenhar ainda melhor o seu papel, tem de continuar a aumentar a sua principal base de apoio: os seus associados.

Porque é fundamental contribuir para a garantia da existência de uma voz independente e firme na defesa do ambiente nos Açores, vimos convidá-lo(a) a aderir aos Amigos dos Açores, para tal basta preencher a ficha que junto enviamos e devolvê-la para:

AMIGOS DOS AÇORES
Avenida da Paz, 14
9600-053 PICO DA PEDRA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

SÓCIO N.º _____ Quota anual (mínimo 10 €) _____, _____ € Donativo anual _____, _____ €
(quota anual + donativo)
NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____
TELEFONE _____ E-MAIL _____
PROFISSÃO _____ DATA DE NASCIMENTO ____/____/____
N.º DO B. IDENTIDADE _____ N.º DE CONTRIBUINTE _____
TIPO DE COLABORAÇÃO _____
PARTICIPAÇÃO NOS PASSEIOS PEDESTRES: SIM _____ NÃO _____
DATA ____/____/____ ASSINATURA _____

• A associação passará recibo dos donativos, os quais poderão ser deduzidos à colecta do ano para efeitos de IRS ou IRC.

AO BANCO _____
Agência de _____

_____, ____ de _____ de _____

Exmos.Senhores,

Por débito na minha conta com o NIB _____ nesse Banco, solicito que transfiram para crédito da conta dos **AMIGOS DOS AÇORES** com o NIB 001200009399438830116 (Agência de Ponta Delgada do **BANCO COMERCIAL DOS AÇORES**), a importância de _____, _____ €, no primeiro dia útil de _____ de cada ano, até instruções minhas em contrário. Agradeço ainda que, ao efectuarem as transferências, indiquem sempre o nome completo e morada do ordenante. Esta ordem anula todas as eventuais anteriores.

De V.Exas.
Muito Atentamente

(nome completo)

(assinatura idêntica à existente no Banco)

